**BANGUÊ**

*Jorge de Lima*

Cadê você meu país do Nordeste  
que eu não vi nessa Usina Central Leão de minha terra?  
Ah! Usina, você engoliu os banguezinhos do país das Alagoas!  
Você é grande, Usina Leão!  
Você é forte, Usina Leão!  
As suas turbinas têm o diabo no corpo!  
Você uiva!  
Você geme!  
Você grita!  
Você está dizendo que U.S.A é grande!  
Você está dizendo que U.S.A. é forte!  
Você está dizendo que U.S.A. é única!  
Mas eu estou dizendo que v. é triste  
como uma igreja sem sino,  
que você é mesmo como um templo evangélico!  
Onde é que está a alegria das bagaceiras?  
O cheiro bom do mel borbulhando nas tachas?  
A tropa dos pães de açúcar atraindo arapuás?  
Onde é que mugem os meus bois trabalhadores?  
Onde é que cantam meus caboclos lambanceiros?  
Onde é que dormem de papos para o ar os bebedores de resto de alambique?  
E os senhores de espora?  
E as sinhás-donas de cocó?  
E os cambiteiros, purgadores, negros queimados na fornalha?  
O seu cozinhador, Usina Leão, é esse tal Mister Cox que tira da cana o que a cana não pode dar  
e que não deixa nem bagaço  
com um tiquinho de caldo  
para as abelhas chupar!  
O meu banguezinho era tão diferente,  
vestidinho de branco, o chapeuzinho do telhado sobre os olhos,  
fumando o cigarro do boeiro pra namorar a mata virgem.  
Nos domingos tinha missa na capela  
e depois da missa uma feira danada:  
a zabumba tirando esmola para as almas;  
e os cabras de faca de ponta na cintura,  
a camisa por fora das calças:  
“Mão de milho a pataca!”  
“Carretel marca Alexandre a doistões!”  
Cadê você meu país de banguês  
com as cantigas da boca da moenda:  
“Tomba cana João que eu já tombei!”  
E o eixo de maçaranduba chorando  
talvez os estragos que a cachaça ia fazer!  
E a casa dos cobres com o seu mestre de açúcar potoqueiro,  
com seu banqueiro avinhado  
e as tachas de mel escumando,  
escumando como cachorro danado.  
E o banguê que só sabia trabalhar cantando,  
cantava em cima das tachas:  
“Tempera o caldo mulher que a escuma assobe…”  
Cadê a sua casa-grande, banguê,  
com as suas Dondons,  
com as suas Tetês,  
com as suas Benbens,  
com as suas Donanas alcoviteiras?  
Com seus Totôs e seus Pipius corredores de cavalhada?  
E as suas molecas catadoras de piolho,  
e as suas negras Calus, que sabiam fazer munguzás,

manuês,  
cuscuz,

e suas sinhás dengosas amantes dos banhos de rio  
e de redes de franja larga!  
Cadê os nomes de você, banguê?

Maravalha,  
Corredor,  
Cipó branco,  
Fazendinha,  
Burrego-d'água,  
Menino Deus!

Ah! Usina Leão, você engoliu  
os banguezinhos do país das Alagoas!  
Cadê seus quilombos com seus índios armados de flecha,  
com seus negros mucufas que sempre acabavam vendidos,  
tirando esmola para enterrar o rei do Congo?

“Folga negro  
Branco não vem cá!  
Si vinhé,  
Pau há de levá!”

Você vai morrer, banguê!  
Ainda ontem sêo Major Totonho do Sanharó

esticou a canela.

De noite se tomou uma caninha

pra se ter força de chorar.  
E se fez sentinela.

E você, banguezinho que faz tudo cantando  
foi cantar nos ouvidos do defunto:

“Totonho! Totonho!

Ouve a voz de quem te chama  
vem buscar aquela alma  
que há treis dias te reclama!”  
Banguê! E eu pensei que estavam  
cantando nos ouvidos de você:

Banguê! Banguê!

Ouve a voz de quem te chama!” **(*Poemas Negros*)**